

**“Dass sich für ihn mit dieser kleinen Bewegung plötzlich
Blickwinkel und Maßstab verschob“: Muros e
visibilidades no romance *Gegen, ging, gegangen* de
Jenny Erpenbeck**

**“Dass sich für ihn mit dieser kleinen Bewegung plötzlich Blickwinkel
und Maßstab verschob“: Walls and Visibilities in Jenny Erpenbeck’s
Novel *Gegen, ging, gegangen***

Dionei Mathias*

* Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria - RS, 97105-900,
e-mail: dioneimathias@gmail.com

Resumo: Nascida em 1967, na antiga Alemanha Oriental, Jenny Erpenbeck representa uma importante voz da literatura contemporânea de expressão alemã. Sua escrita revela uma sensibilidade apurada para a presença de muros e suas máscaras e uma habilidade ímpar de transferir esse conhecimento para outras realidades que caracterizam as sociedades contemporâneas. Com seu romance *Gegen, ging, gegangen* de 2015, ela se estabelece no cenário literário, trazendo uma importante reflexão sobre a situação de refugiados na Europa. O texto encena o encontro entre Richard, professor universitário aposentado, e refugiados oriundos de diferentes países africanos, fugindo da violência, da miséria, das catástrofes ambientais. Esse encontro enseja uma revisão do modo de apropriação de realidade, suscitando em Richard uma percepção que lhe permite enxergar sedimentos e continuidades das práticas coloniais no mundo pós-colonial globalizado. Nesse cenário, este artigo deseja discutir como a representação ficcional de refugiados, como empreendida por Erpenbeck, se coaduna com inquietações da teoria pós-colonial, buscando identificar nessa representação uma nova forma de pensar a experiência extraficcional de atores sociais envolvidos em experiências pós-coloniais. Para isso, a primeira parte do artigo foca no modo como o protagonista começa a enxergar sedimentos das práticas coloniais em seu entorno, tendo que escavar seus sentidos para poder contextualizá-los. Na sequência, a segunda parte discute como novos muros se estabelecem no cotidiano de refugiados, produzindo continuidades de práticas discursivas coloniais.

Palavras-chave: Jenny Erpenbeck. *Gegen, ging, gegangen*. Refugiados.

Abstract: Born in 1967, in former East Germany, Jenny Erpenbeck is an important voice in contemporary German-language literature. Her writing reveals a keen sensibility to the presence of walls and their masks and a unique ability to transfer this knowledge to other realities that characterize contemporary societies. With her novel *Gegen, ging, gegangen*, published in 2015, she establishes herself in the literary scene, introducing an important reflection on the situation of refugees in Europe. The text stages the encounter between Richard, a retired university professor, and refugees from different African countries, fleeing from violence,

misery, environmental catastrophes. This encounter produces a revision of the way reality is appropriated, raising in Richard a perception that allows him to see sediments and continuations of colonial practices in the globalized postcolonial world. With this in mind, this article wishes to discuss how the fictional representation of refugees, as undertaken by Erpenbeck, is consistent with concerns of post-colonial theory, seeking to identify in this representation a new way of thinking about the extrafictional experience of social actors involved in post-colonial experiences. For this purpose, the first part of the article focuses on the way in which the protagonist begins to see sediments of colonial practices in his surroundings, having to excavate its meanings in order to contextualize them. Subsequently, the second part discusses how new walls are established in the daily lives of refugees, producing continuations of colonial discursive practices.

Keywords: Jenny Erpenbeck. *Gegen, ging, gegangen*. Refugees.

INTRODUÇÃO

Em 2015, Jenny Erpenbeck publica seu romance *Gehen, ging, gegangen* ('Ir, foi, ido'), um romance condecorado com importantes prêmios literários e amplamente discutido pela crítica de língua alemã. O romance trata do encontro entre um professor universitário aposentado e refugiados do continente africano que buscam por asilo na Alemanha. O primeiro encontro ocorre de modo fortuito, quando Richard volta de uma visita às escavações arqueológicas lideradas por um amigo, nos arredores da Praça Alexander (Alexanderplatz), deparando-se com um grupo de refugiados que protestam contra as condições de asilo. O que chama sua atenção é o cartaz em inglês: "We become visible" (ERPENBECK, 2018, p. 23), isto é, "Tornamo-nos visíveis". Esse cartaz parece representar o leitmotiv desse romance, encenando a partir das inúmeras interações o processo paulatino de tornar visível um excerto de realidade, relegado aos confins da percepção. Como seu amigo que traz a lume sedimentos arqueológicos do passado germânico, o professor universitário passa a "escavar" a realidade dos refugiados, descobrindo seu passado e suas motivações.

Nesse horizonte, o romance não tem como foco direto contribuir para a visibilidade do passado colonial alemão. Esse aspecto tem sido discutido com interesse crescente nos estudos literários (WILKE, 2011; GÖTTSCHE, 2017), no sentido de dar maior visibilidade a um passado esquecido, mas não alcança as proporções das discussões, já tecidas ou em andamento, nas literaturas de expressão inglesa e francesa. Ainda assim, o texto de Erpenbeck tece um nexo importante com as inquietações da teoria pós-colonial. Desse modo, ao enfeixar sua atenção em direção aos refugiados, a autora

cria uma série de refrações ficcionais, a partir da confluência entre realidade pós-colonial no continente africano e realidade num centro hegemônico europeu. Essas refrações remetem a dimensões contemporâneas da experiência pós-colonial, exigindo uma ressemantização do prefixo pós, no bojo da crítica tecida por Shohat (1992), em seu estudo canônico.

A experiência de refugiados e seu nexos com a realidade do mundo pós-colonial produzem percepções específicas. Num primeiro momento, refugiados irrompem na consciência pública das potências hegemônicas como o outro que logra adentrar os muros da exclusão, produzindo visões desconfortáveis e, conseqüentemente, suscitando uma série de estratégias de contenção. Essas estratégias servem como mecanismo de proteção, não somente dos recursos econômicos, mas também do capital imagético construído em volta do esclarecimento intelectual e da solidariedade cristã. Sua presença questiona esses dois pilares, pois revela a limitação do escopo de validade para sua aplicação. Mesmo integrando aqueles que conseguiram transpor o muro, permanece a lembrança (reprimida em maior ou menor grau) do problema maior, isto é, de um espaço de origem, fragilizado social e economicamente, pondo em evidência a distribuição desigual de recursos que caracteriza a contemporaneidade. Esse mundo da pobreza, da violência, da exploração econômica tende a ser apagado da memória, a fim de destacar a beleza dos castelos, dos boulevards ou das squares que ilustram a glória nacional. São visibilidades diferentes, administradas em consonância com interesses identitários diversos.

São esses interesses identitários que produzem agrupamentos e, com eles, dinâmicas de inclusão e exclusão, acompanhadas de suas colorações afetivas em forma de hostilidade ou simpatia que formam a base para o exercício da voz (MATHIAS, 2017). Nessa esteira, o movimento de manutenção da imagem de grupo, não raramente, porta semelhanças com aquilo que Sebastião Marques Cardoso (2020, p. 171) discute a partir do conceito de “políticas da inimizade” de Achille Mbembe:

A “democracia de semelhantes”, que poderíamos, talvez, apelidar também de “democracia de privilégios”, procura hoje, para manter sua hegemonia, atuar nas seguintes situações: na esfera geográfica: impedir migrações e êxodos; na esfera da luta de classes: não dar suporte para que os menos favorecidos disputem profissões ou cargos antes exclusivos da elite econômica; na esfera do conhecimento: barrar o ingresso em massa de indivíduos às universidades públicas de excelência; e na esfera da representação: difundir a construção estereotipada de narrativas nas quais a cultura dos “não-semelhantes” é sempre inferiorizada. Notamos, assim, uma progressão do racismo para o mundo pós-colonial, e não o seu retrocesso.

A continuação das estratégias coloniais no mundo pós-colonial, de certa forma, também administra o crivo de percepção, pois o modo como acessos são autorizados (ou não) produzem formas de ver o mundo. Assim, os privilégios que Cardoso cita não configuram somente o ponto de partida para a concretização de ações, eles também servem como lente, por meio da qual se enxerga e classifica a realidade. Nesse sentido, um interesse da crítica pós-colonial reside em produzir outras visibilidades, “escavando” narrativas, a fim de identificar seus fundamentos e motivações.

Esse trabalho de escavação mostra, por exemplo, como o princípio de igualdade é estilizado, restringindo ou impedindo o “acesso à mobilidade” por meio de fronteiras que separam (MBEMBE, 2017, p. 10). Também torna visível que esse impedimento não se limita ao muro de contenção, cuja transposição representa o primeiro desafio, ele se estende às possibilidades de participação das respectivas sociedades no que diz respeito às necessidades mínimas de sobrevivência como trabalho, moradia ou estabilidade jurídica. Ali o refugiado surge como “um próximo no qual não se aplica a mesma jurisdição” (CARDOSO, 2020, p. 171). O que legitima esse modo de apropriação de realidade reside justamente num crivo de percepção que funciona a partir da estabilização imagética do outro como alteridade absoluta, neutralizando os princípios de “liberdade, igualdade, fraternidade”, adotados para as interações com membros do próprio grupo.

Muitos críticos pós-coloniais empreendem o esforço de discernir o princípio de dois pesos e duas medidas, problematizando-o a partir da perspectiva subalterna. Nas mais diversas interações sociais, surge, assim, uma espécie de dicção fronteiriça (ALVES/NOLASCO, 2018, p. iii) que define em que parte do muro (real e metafórico) cada indivíduo se encontra. O que caracteriza essa fala à sombra de muros parece residir em seu potencial de fragilizar as narrativas internalizadas como naturais, como peremptoriamente dadas. Esse questionamento obviamente gera desconfortos e tende a produzir ainda mais “políticas de inimizade”, a fim de garantir a estabilidade da imagem hegemônica.

A cartografia dessas visibilidades se define através das interações sociais, com seu uso das linguagens, trançando em inúmeros atos performáticos as narrativas de identidade que cada ator social pode tecer. Segundo Bonfim (2016, p. 15), “a linguagem assume um papel de suma importância na construção de nossas identidades sociais, pois é nas e através de nossas práticas linguísticas que nós nos construímos em relação ao outro e o outro em relação a nós. Numa frase, nossas identidades são construídas

performativamente”. Por meio desses atos performáticos, surgem as imagens que circulam num espaço social, definindo o que se enxerga e o que é relegado para o porão da memória. São esses mesmos atos performáticos que produzem os muros, situando os diferentes atores sociais no mapa dos limites.

Nessa esteira, este artigo deseja discutir o romance de Jenny Erpenbeck e verificar de que modo a representação de refugiados produz visibilidades e constrói muros. A produção de visibilidade e de muros limítrofes não é linear, no universo diegético. Ela vai se construindo na medida em que o professor Richard vai se aproximando do grupo e se mostrando disponível para problematizar a realidade desses refugiados. A partir desse cenário, o artigo busca problematizar formas de visibilidade de dinâmicas coloniais na primeira parte e discutir, na segunda parte, as modalidades de construção de muros na realidade pós-colonial contemporânea dos refugiados.

1. SEDIMENTOS DA PRÁTICA COLONIAL E VISIBILIDADES

A partir do primeiro encontro com os refugiados na praça, Richard passa por um processo de transformação, em que começa a enxergar o entorno com outros olhos. Esse movimento de alteração do foco em que o olhar paulatinamente se apercebe de outras realidades remete a uma espécie de trabalho arqueológico. Nele, a superfície representa somente o ponto de partida para descobrir outras configurações de realidade, confrontando o sujeito que a escava com formas diversas de organizar e produzir sentidos. Esse processo tem início com a alteração das modalidades de percepção do espaço urbano. Assim, ao enfeixar sua atenção para fachadas decaídas, Richard identifica três momentos importantes da história:

Quando havia aqui o canal, a Alemanha ainda tinha colônias. Ainda há vinte anos, podia-se ler *Lojas de produtos coloniais* em letras desgastadas, em algumas fachadas, no leste de Berlim, antes que o Ocidente começasse a reformar. Produtos coloniais e marcas de tiros da Segunda Guerra Mundial na mesmíssima fachada, e na vitrine empoeirada de uma dessas casas já esvaziadas para a reforma talvez ainda por cima um cartaz socialista: Frutas, verduras e batatas (OGS) (ERPENBECK, 2018, p. 49, grifos no original)¹.

¹ "Als hier der Kanal war, hatte Deutschland noch Kolonien. *Kolonialwarenladen* stand in verwitterter Schrift an manchen Fassaden im Osten Berlins noch bis vor zwanzig Jahren zu lesen, bevor der Westen anfang zu renovieren. *Kolonialwaren* und die Einschüsse vom Zweiten Weltkrieg auf ein und derselben Fassade, und in der verstaubten Vitrine eines solchen für die Renovierung schon leergezogenen Hauses
Volume 22
Número 52

O que essa passagem destaca é como o fluxo de tempo apaga determinados registros, destacando eventos recentes, mais próximos da superfície. O olhar de Richard, de certo modo, se encontra condicionado a enxergar o passado histórico mais recente, focando na recuperação das experiências da segunda guerra e, sobretudo, do regime socialista na antiga Alemanha Oriental, com o qual conviveu. Ao divisar os refugiados na praça e voltar a vê-los nas mídias nacionais, ele começa a criar outros nexos. É a partir desse movimento que as palavras destacadas na passagem passam a assumir uma nova coloração semântica. Nesse cenário, o nome exótico da loja não remete primeiramente a uma escolha peculiar do proprietário, mas sim a um passado em que o espaço nacional esteve envolvido numa política colonialista, ao lado de outras potências imperialistas, do continente europeu.

Ao mesmo tempo, a passagem revela a fragilidade da memória histórica. Nas mãos do mercado imobiliário, o prédio não desperta o interesse por causa dos vestígios e testemunhos históricos de três momentos diferentes da gênese do país, mas sim por causa do valor de mercado a ser obtido após a preparação da superfície, para o atendimento dos anseios de consumo. A fragilidade dessa voz do passado permite traçar uma analogia com a vulnerabilidade dos refugiados no presente diegético. Como as marcas do passado colonial, também sua visibilidade se encontra em constante risco de apagamento.

Essa leitura pode ser corroborada pelo modo como os refugiados ocupam os espaços: primeiramente eles se tornam visíveis pela presença em praças públicas na área central e pela ocupação de uma escola no bairro de Kreuzberg, ao longo da narrativa eles vão sendo deslocados para regiões cada vez mais periféricas (primeiro da capital, depois do país), de modo a desaparecer do escopo de visão do grupo dominante. Como bem aponta Stan (2018, p. 797), o cartaz que indica o desejo de tornar-se visível é um movimento de resistência a esse apagamento. Como no caso dos vestígios históricos nas fachadas de prédios, Richard identifica a necessidade de um esforço consciente para debelar a visão seletiva engendrada por aqueles que definem as regras do jogo e produzem apagamentos. Isso implica treinar o olhar para enxergar outras realidades.

Conforme Richard vai se envolvendo com os refugiados e ouvindo suas histórias, seu olhar expande o escopo de percepção, afastando-se do espaço mais próximo para enxergar coordenadas mais distantes. Assim, o esforço de olhar para o continente africano

vielleicht obendrein noch ein sozialistisches Pappschild: Obst Gemüse Speisekartoffeln (OGS)“ (ERPENBECK, 2018, p. 49, grifos no original).

com um interesse pautado pela realidade das pessoas que habitam esse espaço da vida já parece, em si, um movimento que se afasta das práticas coloniais, cujo foco de interesse reside primordialmente em explorar e extrair o máximo de riqueza, com o mínimo de investimento social. Nesse percurso, ele começa a reconhecer as coordenadas geográficas do continente, com seus países e suas cidades, sem construir exotismos ou alteridades, mas tentando enxergar o que move as comunidades que compõem esses espaços.

O romance encena, com alguma frequência, a incapacidade dos personagens pertencentes ao grupo dominante de situar países, cidades, realidades do continente africano, revelando, portanto, a prática de administração (colonial) de conhecimento cujo interesse se volta quase que exclusivamente para o centro. Isso vale, por exemplo, para Kaduna, cidade na Nigéria e palco de violências que desencadeiam a fuga de um dos personagens (ERPENBECK, 2018, p. 113). Diante do relato sobre as experiências vividas em Kaduna, Richard começa a cartografar esse espaço geográfico, revelando primeiramente como ele mesmo se apropria da realidade a partir do crivo eurocêntrico, para paulatinamente descobrir que há outras formas de guiar a percepção sobre esse espaço.

Esse crivo eurocêntrico também se revela a partir das conversas com o refugiado que Richard chama de Apoll, oriundo da região do Níger. Richard parte da cartografia europeia para identificar a origem de seu interlocutor. Este, contudo, resiste num primeiro momento, preferindo a cartografia de sua origem voltada para o espaço da vida e negando, com isso, a validade das fronteiras traçadas pela presença colonial. Assim, ao dizer que sua origem é o deserto e não o Níger, ele convida Richard a identificar sedimentos coloniais:

Pela primeira vez lhe surge a ideia de que as fronteiras traçadas pelos europeus, na verdade, não importam aos africanos. Recentemente, quando procurava as capitais, ele voltou a ver as linhas retas como régua no atlas, mas só agora lhe ficou claro que arbitrariedade se revela numa linha dessas (ERPENBECK, 2018, p. 66)².

Foi necessária a resistência aos parâmetros europeus de apropriação de mundo para Richard enxergar a arbitrariedade colonial no mapa. Em analogia à palavra “Kolonialwarenlanden” (loja de produtos coloniais) que até o encontro com os refugiados

² Zum ersten Mal kommt ihm der Gedanke, dass die von den Europäern gezogenen Grenzen die Afrikaner eigentlich gar nichts angehen. Kürzlich hat er, als er die Hauptstädte gesucht hat, wieder die schnurgeraden Linien im Atlas gesehen, aber erst jetzt wird ihm klar, welche Willkür da sichtbar wird an so einer Linie (ERPENBECK, 2018, p. 66).

não era semantizada na esfera pessoal de seu conhecimento, também as linhas traçadas arbitrariamente no mapa não tinham um significado para a interpretação de realidade, na percepção de Richard.

É a percepção de mundo do jovem tuaregue que lhe ensina como o espaço de vida original no deserto foi trinchado pela presença colonial francesa, formando cinco países cujas fronteiras são completamente artificiais para a realidade local (ERPENBECK, 2018, p. 175). O resultado dessa intervenção violenta é a destruição do “corpo político”, esfacelando as modalidades de interação estabelecidas na região. Desse lugar fraturado espacial e subjetivamente, surge a voz desse refugiado. Respeitada a incomensurabilidade, talvez seja possível afirmar que a definição que Alves (2019, p. 2) propõe para resistência assume uma outra incorporação, neste contexto, permitindo identificar uma série de ressonâncias: “uma construção inacabada, abertura marcada pela dissonância, por fraturas e indeterminações que fazem daquele que resiste alguém que experimenta (com) a própria vida, de diferentes formas, inclusive através da não vida, a partir da fratura entre a língua e os eventos por meio dos quais a enunciação acontece – e o sujeito ocupa um lugar, momentaneamente”.

O movimento de resistência empreendido pelo jovem do deserto desencadeia em Richard um esforço de leitura desse espaço vida (num sentido literal e metafórico). O professor aposentado começa a compreender a complexidade das motivações que levam habitantes dessa realidade a serem inseridos em fluxos migratórios, em grande parte, acompanhados de experiências extremas de violência. Assim, não só o refugiado que o defronta obtém uma outra visibilidade, esta se estende igualmente aos sedimentos que antes escapavam à circunferência de uma visão treinada a enxergar o mundo a partir de um lugar hegemônico.

Essa resistência também suscita um percurso de percepção que incita o olhar a enxergar outros sedimentos coloniais na região e sua extensão ao contexto europeu:

E enquanto passavam por pinheiros e carvalhos e enquanto o cachorro do casal idoso ao qual pertence vem correndo, que sempre foge e se chama Cognac, Richard conta a seus amigos Detlef e Sylvia, os quais provavelmente não sabem onde exatamente fica o Níger, sobre a multinacional Areva que detém o monopólio das minas e que joga seus rejeitos lá onde os tuaregues até agora tinham suas pastagens para seus camelos. E onde naturalmente também vivem, diz ele.

Lá, diz Richard, a água potável, nesse meio tempo, está contaminada, os camelos estão acabados, as pessoas têm câncer sem saber por quê –

mas a energia circula na França e aqui entre nós, na Alemanha (ERPENBECK, 2018, p. 181-182)³.

A exposição do relato sobre a presença da multinacional no Níger tem início com a produção de uma discrepância nas narrativas de mundo que envolvem os diferentes personagens do romance. Por um lado, o passeio pelas florestas idílicas e as travessuras do cão fujão, por outro lado, a destruição do espaço da vida, em nome do conforto de países hegemônicos. Essa discrepância é importante para a dinâmica do romance, pois ela ilustra o princípio de dois pesos e duas medidas, não só na era colonial clássica, mas também no mundo globalizado, pós-colonial, com sua discussão por exemplo em volta de direitos humanos (PHILLIPS, 2019). Também aqui Richard começa a ver algo que não vira antes, identificando nesse percurso as implicações do conforto existente em seu espaço para aqueles que habitam coordenadas distantes do centro hegemônico. Comefeito, a mesma empresa que não assume responsabilidade social pelo espaço alheio tem seu nome estampado na camisa de um importante time de futebol alemão. Mais uma vez, palavras, antes inexpressivas, revelam outras dimensões, se vista a partir da realidade de refugiados. No lugar de parar na superfície, neutralizando as implicações semânticas, Richard passa a escavar outras dimensões do sentido, aprendendo a enxergar seu mundo com outros olhos.

2. REALIDADES PÓS-COLONIAIS E NOVOS MUROS

Enquanto a primeira parte teve como foco identificar sedimentos de práticas coloniais, refletindo sobre transformações da visibilidade no marco da performance, esta segunda volta sua atenção para a invisibilidade dos muros que o refugiado encontra no presente, de modo a problematizar algumas continuidades da prática colonial sob outras máscaras. O palco da ação passa a ser o continente europeu, para onde muitos refugiados se dirigem, a fim de escapar da violência, da miséria, das catástrofes ambientais. Sua

³ “Und während sie an Kiefern und Eichen vorbeigehen, und während der Hund angelaufen kommt, der dem alten Ehepaar, dem er gehört, immer ausreißt, Cognac heißt er, erzählt Richard seinen Freunden Detlef und Sylvia, die wahrscheinlich nicht einmal wissen, wo genau Niger liegt, vom französischen Staatskonzern Areva, der das Monopol für die Minen hält und seinen Müll dorthin kippt, wo die Tuareg bisher ihre Kamelweiden hatten, Und natürlich auch selbst leben, sagt er. Dort, sagt Richard, ist das Trinkwasser inzwischen verseucht, die Kamele sind hin, die Menschen kriegen Krebs, ohne zu wissen, warum – der Strom aber fließt in Frankreich und hier bei uns, in Deutschland“ (ERPENBECK, 2018, p. 181-182).

interação e integração nesse espaço social, no entanto, são tudo menos pacíficas. Isso já começa pelos muros invisíveis que impedem a entrada na fronteira e se intensifica através de outros muros burocráticos. A presença desses obstáculos que impedem a participação efetiva no espaço social se revelam no cotidiano, nos mais diversos gestos que performam muros:

Então, diz Osaboro. No metrô os italianos se levantam e se sentam em outro lugar, quando eu me sento ao lado deles.
 Richard se lembra que Osorobo já tinha dito isso no seu primeiro encontro.
 Eles pensam que sou um criminoso. Todo negro.
 Não acredito nisso.
 Sim. Não faz diferença se somos ou não (ERPENBECK, 2018, p. 245)⁴.

Em sua conversa com Osaboro, Richard começa a vislumbrar esses muros do cotidiano, algo que não fazia parte de sua realidade, antes de ouvir o refugiado relatar as ocorrências. Como membro do grupo dominante, ele tem dificuldade de conciliar o comportamento relatado com a cultura humanística que faz parte da narrativa desse espaço. Osaboro, por sua vez, indica que a experiência de racismo não é algo isolado, e a repetição do relato enfatiza como essa dimensão do cotidiano impacta em sua concepção do si. Ele percebe que os agrupamentos permanecem, em forma de imposição de alteridade, inviabilizando processos de comunicação. Isso não impede somente desconstruir a imagem estereotipada e coisificada do outro, impede também desencadear processos em que possa expor motivações. O que resta é o muro de comunicação que intensifica a condição de precariedade (BAKER, 2018) e o agravamento de memórias traumáticas (STONE, 2017).

Esse muro também se revela a partir do relato de um casal de amigos de Richard que vai passar as férias na Itália. O relato começa listando as belezas do país e as experiências agradáveis da viagem, até mencionar a presença de mulheres negras:

No entanto, dizem eles: tantos africanos. Em todo lugar. Para Arezzo, dizem eles, nós alugamos um carro, Jörg queria porque queria ver os frescos de Piero dela Francesca, uma bela viagem pela Toscana, pensamos e bem por isso pegamos as estradas laterais, até neve havia. Mas sabem, no meio do nada, estavam lá mulheres negras, africanas!.

⁴ “Naja, sagt Osaboro. In der U-Bahn stehen die Italiener auf und setzen sich woandershin, wenn ich mich neben sie setze.
 Richard erinnert sich, das hat Osorobo auch schon bei ihrem ersten Treffen erzählt.
 Sie denken, ich bin kriminell. Jeder Schwarze.
 Das glaube ich nicht.
 Doch. Es macht keinen Unterschied, ob wir es sind oder nicht sind“ (ERPENBECK, 2018, p. 245).

no acostamento e se oferecendo. No meio da paisagem, onde nunca alguém passa. Em botas e casacos tão curtos. Ficam lá no frio, na neve, e muitas! Isso foi meio estranho (ERPENBECK; 2018, p. 243)⁵.

O incômodo maior parece residir no fato de que a paisagem idílica da região se encontra ocupada por atores sociais indesejados. Com efeito, o casal de turistas vai à Itália para obter a experiência positiva associada ao país, desde Goethe. Nesse conjunto de associações que constrói o imaginário em volta do país meridional, impera beleza, cultura, humanismo. O confronto inesperado com miséria, doença, violência causa desconforto. A estratégia para lidar com isso é isolar e excluir aqueles que causam dissonâncias, a fim de manter a imagem desejada intacta.

O uso do lexema “africanos” está atrelado a essa estratégia, pois revela a ausência de um esforço de diferenciação, mas também de solidariedade. Nesse bojo, o olhar que o relato revela indica um muro invisível não só entre nativos e refugiados, mas também entre as diferentes condições da mulher e suas práticas de solidariedade, atualizando, portanto, os importantes questionamentos de bell hooks (2014) para o contexto de mulheres refugiadas. A estratégia de manutenção de visão de mundo também se revela no consumo de produtos culturais. O casal empreende o esforço de visitar Arezzo para ver as pinturas do mestre italiano, revelando, portanto, afinidade ou, ao menos interesse, na cultura do humanismo renascentista. Esse interesse nos artefatos culturais, contudo, não logra despertar percursos cognitivos que desconstruam a lógica nós-eles. A arte permanece arte e a realidade permanece realidade, com muros que impedem a confluência.

Esse muro invisível que se estabelece nas interações do cotidiano se revela de forma ainda mais intensa no aparato jurídico, em toda sua extensão:

Quezilentos que se juntaram para causar transtorno, diz a política em Berlim. A política diz também: Exceções não há. Diz: nada de precedentes – do contrário, em três dias, já haverá as próximas 200 figuras lá na praça.

[...]

Mas aí a lei abre bem, bem a sua goela e ri, sem fazer ruído ao rir.

⁵ “Allerdings, sagen sie: so viele Afrikaner. Überall. Nach Arezzo, sagen sie, haben wir ein Mietauto genommen, Jörg wollte unbedingt die Fresken des Piero della Francesca sehen, eine schöne Fahrt durch die Toskana, dachten wir uns und haben extra die Landstraße genommen, es lag sogar Schnee. Aber wisst ihr, in der Mitte von Nirgendwo stehen da schwarze Frauen, Afrikanerinnen!, am Straßenrand und bieten sich an. Mitten in der Landschaft, wo nie jemand vorbeifährt. In Stiefeln und so kurzen Jacken. Stehen da in der Kälte, im Schnee, und viele! Das war irgendwie unheimlich“ (ERPENBECK; 2018, p. 243).

Depois ter rido seu riso medonho por tempo suficiente, quer dizer, depois de reflexão ponderada de todas as possibilidades, a dura lei alemã profere: (ERPENBECK, 2018, p. 227-228)⁶.

Sua construção e manutenção têm início na esfera política que administra, por meio da legislação, as modalidades de participação dos diferentes atores sociais que habitam um espaço. Com a antecipação de um crescimento de demandas, desencadeia-se um movimento para conter a obtenção de benefícios. Esse trabalho minucioso na esfera da administração pública cria ressonâncias com a administração colonial e, sobretudo, pós-colonial, especialmente a partir da década de 50, quando se intensificaram as discussões sobre a concessão de direitos civis a cidadãos de ex-colônias.

No contexto da representação diegética do romance, não se trata exatamente de integrantes de ex-colônias, mas a discussão, em seu cerne, é a mesma, pois está preocupada em limitar o acesso aos recursos existentes naquele espaço. Isso não se refere somente aos benefícios do estado de bem-estar social, mas também às chances de obtenção de independência. Grande parte do romance mostra, por exemplo, como os refugiados anseiam por trabalho, o que permanece proibido, impedindo sua participação ativa no espaço encenado. Talvez seja possível reconhecer analogias à administração colonial, pois também aqui há um interesse em proteger os interesses do grupo dominante.

Ao encenar a força invisível da lei, Erpenbeck faz alusões a dois textos importantes da literatura de expressão alemã: *Michael Kohlhaas* de Kleist e *Diante da lei* de Kafka. Em ambos, as personagens são aniquiladas pela violência do aparato jurídico. Em ambos os textos, a lei é figurada como um muro praticamente intransponível. O “quezilento” Michael Kohlhaas, na verdade, consegue resolver sua “quezília”, mas o preço é sua vida. Nesse sentido, Erpenbeck reinterpreta essa imagem central da literatura de expressão alemã e a insere num contexto contemporâneo, em que os muros invisíveis voltam a ser intransponíveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁶ “Querulanten, die sich zusammengerottet haben, nur um Ärger zu machen, sagt die Politik in Berlin. Die Politik sagt auch: Ausnahmen gibt’s nicht. Sagt: Bloß keinen Präzedenzfall – sonst sitzen drei Tage später schon die nächsten 200 Figuren da auf dem Platz. [...]”

Aber da reißt nun das Gesetz sein Maul weit, weit auf und lacht, ohne beim Lachen einen Laut von sich zu geben.

Nachdem es lange genug sein unheimliches Lachen gelacht hat, also nach reiflicher Prüfung aller Möglichkeiten, spricht das eherne, deutsche Gesetz:“ (ERPENBECK, 2018, p. 227-228).

Numa determinada passagem do romance, Richard visita o vinhedo idílico de um colega austríaco. Durante esse passeio, esse colega lhe mostra como a areia do deserto africano foi trazido pelo vento e se sedimentou sobre as folhas das videiras: “Richard passara o dedo sobre uma dessas folhas e percebera que com esse pequeno movimento repentinamente se deslocaram foco e escala” (ERPENBECK, 2018, p. 71)⁷. Esse acontecimento que, em princípio, é completamente irrelevante para o enredo do romance ilustra algo que perpassa toda sua trama, isto é, o modo como esse estudioso passa a enxergar o mundo de outra forma, identificando novos focos e escalas como princípios para a apropriação de realidade.

Nesse movimento, ele passa a identificar os sedimentos das práticas coloniais em seu próprio contexto cultural, reconhecendo como esses vestígios desaparecem da superfície (no sentido literal e metafórico), exigindo um esforço de escavação e recuperação de sentidos, para que possam ser compreendidos. Ele também começa a reconhecer como os muros (discursivos) que separavam colônias dos centros imperialistas continuam presentes, transformados em novas formas de traçar fronteiras. Nesse sentido, o romance de Erpenbeck encena como a presença de refugiados problematiza dicções fronteiriças e políticas de inimizade, oferecendo resistência a partir de um lugar de fala fragilizado. Dos diferentes atos performáticos concretizados nas interações ficcionais, surgem novas visibilidades e as sombras de novos muros.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Wanderlan. Meshugá, de Jacques Fux: à roda de perguntas sumamente delicadas. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 58, e5810, 2019, p. 1-11.
- ALVES, Lourdes Kaminski; NOLASCO, Paulo Sérgio. Interculturalidade e outras textualidades: vozes na fronteira. *Línguas & Letras (online)*, v. 19, n. 42, 2018, p. iii-viii.
- BAKER, Gary L. The Violence of Precarity and the Appeal of Routine in Jenny Erpenbeck's *Gehen, ging, gegangen*. *Seminar: A Journal of Germanic Studies*, v. 54, n. 4, 2018, p. 504-521.
- BONFIM, Marco Antonio Lima do. Linguagem e identidade: o lugar do corpo nas práticas identitárias raciais. *Linguagem em Foco. Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE*, v. 8, n. 2, 2016, p. 11-22.
- CARDOSO, Sebastião Marques. Mundialidades e Humanidades Negro Africanas. Algumas Notas para Resistir às Políticas da Inimizade. *África[s] - Revista do Programa*

⁷ “Richard hatte mit dem Finger über eines dieser Blätter gewischt, und gemerkt, dass sich für ihn mit dieser kleinen Bewegung plötzlich Blickwinkel und Maßstab verschob (ERPENBECK, 2018, p. 71).

de Pós-Graduação em Estudos Africanos e Representações da África, v. 7, n. 14, 2020, p. 163-179.

ERPENBECK, Jenny. *Gehen, ging, gegangen*. München: Penguin Verlag, 2018.

GÖTTSCHE, Dirk. Postkoloniale Literatur in deutscher Sprache (Gegenwartsliteratur II). In: GÖTTSCHE, Dirk; DUNKER, Axel; DÜRBECK, Gabriele (eds.). *Handbuch Postkolonialismus und Literatur*. Stuttgart: Metzler Verlag, 2017, p. 312-323.

HOOKS, Bell. *Ain't I a Woman: Black Women and Feminism*. London: Routledge, 2014.

MATHIAS, Dionei. A condição de refugiado e o exercício da voz. *Literatura e Autoritarismo (UFSM)*, v. 29, 2017, p. 69-80.

MBEMBE, Achille. *Políticas da inimizade*. Trad. Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017.

PHILLIPS, Brian. 'Better than a Great Many Good Works': Jenny Erpenbeck's Go, Went, Gone and the Primacy of Attention in Human Rights Practice. *Journal of Human Rights Practice*, v. 11, 2019, p. 406-421.

SHOHAT, Ella. Notes on the post-Colonial. *Social text*, n. 31/32, 1992, p. 99-113.

STAN, Corina Stan. A life without a shoreline: Tropes of refugee literature in Jenny Erpenbeck's Go, Went, Gone. *Journal of Postcolonial Writing*, v. 54, n. 6, 2018, p. 795-808.

STONE, Brangwen. Trauma, Postmemory, and Empathy: The Migrant Crisis and the German Past in Jenny Erpenbeck's *Gehen, ging, gegangen* [Go, Went, Gone]. *Humanities*, v. 6, n. 4, 2017, p. 1-12.

WILKE, Sabine. Zwanzig Jahre Germanistik postkolonial. *Monatshefte*, v. 3, n. 3, 2011, p. 425-439.

Data de recebimento: 19/03/2021

Data de aprovação: 10/07/2021